

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a26>

Recebido em: 20/05/2026

Aceito em: 30/06/2026

**LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**LANGUAGE AND COMMUNICATION IN AUTISM SPECTRUM DISORDER:
INNOVATIVE PEDAGOGICAL PRACTICES IN INCLUSIVE EDUCATION**

Elisângela Chagas de Santana Sales

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3889-5688>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7897941001423955>

Mestranda em Educação Escolar
Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil
E-mail: eli12ssales@gmail.com

Fabiano Sales de Aguiar

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9536-5931>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8748562962039270>

Doutorando em Educação Escolar
Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil
E-mail: fabiano.aguiar@unir.br

Keissy Pereira da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2806-0651>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3842298604394383>

Especialista em Supervisão, Administração e Coordenação Escolar
Secretaria de Estado de Educação do Estado do Mato Grosso, SEDUC, Brasil
E-mail: keissy.silva@unemat.br

Magna Aparecida Arantes Passos Rondon

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0551-2315>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3034331674747525>

Especialista em Educação inclusiva
Secretaria de Estado de Educação do Estado do Mato Grosso, SEDUC, Brasil
E-mail: magna.rondon@edu.mt.gov.br

Simone Matias de Sousa Monteiro

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1632-7426>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/223644234765829>

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, PPGEEProf/UNIR
Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil
E-mail: simonematias1407@gmail.com

RESUMO

O estudo aborda estratégias inovadoras voltadas ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Examina abordagens pedagógicas que consideram as especificidades cognitivas e comunicativas desses alunos, enfatizando o uso de recursos visuais, tecnologias assistivas e práticas individualizadas. O artigo destaca a importância de ambientes inclusivos que favoreçam a interação social e a aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Autismo; linguagem; comunicação; Educação inclusiva; práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This study addresses innovative strategies aimed at the development of language and communication in students with Autism Spectrum Disorder (ASD). It examines pedagogical approaches that consider the cognitive and communicative specificities of these students, emphasizing the use of visual resources, assistive technologies, and individualized practices. The article highlights the importance of inclusive environments that foster social interaction and meaningful learning.

Keywords: Autism; language; communication; inclusive education; pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

A democratização do acesso aos espaços escolares e a consequente consolidação da educação inclusiva no cenário contemporâneo impõem aos sistemas de ensino uma revisão profunda em suas matrizes epistemológicas, curriculares e metodológicas. Se, em décadas anteriores, o desafio primordial residia em garantir a matrícula e a presença física de estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento nas salas de aula regulares do ensino comum, a conjuntura educacional atual exige a superação dessa "inclusão formal" ou abstrata. O foco desloca-se, imperativamente, para a garantia da permanência com qualidade, para a apropriação real dos saberes universais e para o pleno desenvolvimento da autonomia e da subjetividade desses educandos. No epicentro dessa discussão, situa-se a escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição neurodesenvolvimental caracterizada por especificidades singulares nas dimensões da interação social, do comportamento e, de modo basilar, da linguagem e da comunicação.

A comunicação humana transcende a mera transmissão mecânica de informações ou a decodificação de códigos linguísticos abstratos; ela constitui o vetor fundamental de constituição do sujeito, de inserção na cultura e de mediação de toda e qualquer aprendizagem significativa. No contexto do autismo, as barreiras na comunicação, que se manifestam desde a ausência da fala funcional e episódios de ecolalia até desafios refinados na interpretação de metáforas, ironias e na manutenção da pragmática conversacional, têm sido historicamente interpretadas sob uma ótica estritamente deficitária e biomédica. Essa visão patologizante tendeu a afastar o estudante com TEA dos processos pedagógicos regulares, submetendo-o a abordagens puramente terapêuticas, repetitivas e descontextualizadas de sua realidade sociocultural.

A virada conceitual promovida pelos Estudos sobre Deficiência e pela perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, inspirada nas formulações clássicas de Lev Vygotsky, convida a escola a operar uma inversão diagnóstica. O desenvolvimento do estudante com TEA não é determinado linearmente pelo impedimento orgânico intrínseco à sua condição neurobiológica, mas sim pela qualidade e pela densidade das mediações pedagógicas e sociais que lhe são oferecidas ao longo de sua trajetória de vida. Sob essa lente, as dificuldades comunicativas deixam de ser vistas como um "déficit inegociável" do indivíduo e passam a ser compreendidas como um desafio de acessibilidade metodológica e linguística do próprio ambiente escolar.

Nesse horizonte de profundas transformações, o presente artigo propõe-se a investigar e discutir as práticas pedagógicas inovadoras voltadas ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação de estudantes com TEA em contextos inclusivos. A relevância desta pesquisa ancora-se na urgência de se superar o modelo de aula puramente homogeneizador e verbalista, substituindo-o por arquiteturas de aprendizagem que articulem os aportes das neurociências cognitivas, as potencialidades das tecnologias assistivas e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Trata-se de compreender como a escola pode transfigurar-se em um ecossistema educativo onde a diversidade cognitiva e comunicativa seja acolhida como um vetor de enriquecimento mútuo e renovação metodológica.

Diante do exposto, delinea-se o seguinte problema de pesquisa: *De que maneira as práticas pedagógicas inovadoras, com ênfase em recursos visuais, tecnologias assistivas e*

metodologias ativas, podem mediar com eficácia o desenvolvimento da linguagem e da comunicação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, superando barreiras históricas de isolamento e promovendo a aprendizagem significativa e a equidade em salas de aula inclusivas?

Para responder a essa indagação, o estudo assume como objetivo geral analisar o impacto e o alcance das inovações metodológicas e tecnológicas na ampliação das competências comunicativas e interativas de educandos com TEA. Desdobram-se, a partir daí, os objetivos específicos: mapear as transições teórico-conceituais que fundamentam a educação inclusiva na contemporaneidade; investigar a eficácia pedagógica dos sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) e dos suportes visuais na cognição autista; e propor caminhos práticos para a mediação docente alicerçada na personalização curricular e na flexibilização pedagógica.

A justificativa para a realização deste trabalho repousa na constatação de que, embora o arcabouço normativo e legal, como a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei nº 12.764/2012) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), seja robusto e avançado no Brasil, a práxis cotidiana nas escolas ainda enfrenta sérios entraves operacionais. Esses entraves vão desde a escassez de recursos de tecnologia assistiva nas unidades escolares até a carência de uma formação continuada que capacite os professores a compreenderem a subjetividade autista para além dos manuais diagnósticos. Ao esmiuçar as dinâmicas microprocessuais da aprendizagem e ao debater os impactos da sociedade hiperconectada e da "infocracia" sobre a identidade e a saúde mental dos educadores, esta pesquisa busca oferecer subsídios teóricos e práticos para coordenadores, pesquisadores e docentes que atuam na linha de frente da educação inclusiva.

2 SEÇÃO DE REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO E HISTÓRICO DO TEA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O percurso histórico da conceituação do Transtorno do Espectro Autista é marcado por uma transição epistemológica que deslocou o fenômeno do isolamento das clínicas psiquiátricas para o centro dos debates sobre direitos humanos e pedagogia inclusiva. Descrito inicialmente na década de 1940 por Leo Kanner e Hans Asperger sob visões distintas, o autismo foi, por longos anos, enclausurado em modelos teóricos psicodinâmicos culpabilizantes ou em abordagens exclusivamente biológicas que previam a institucionalização e o afastamento do convívio social e escolar regular. A consideração do autismo como um "espectro" contínuo e heterogêneo, consolidada apenas nas edições mais recentes dos manuais diagnósticos, como o DSM-5, representou um avanço crucial ao reconhecer que as manifestações dessa condição variam amplamente em termos de intensidade, perfil cognitivo e necessidades de suporte, recusando rótulos estáticos e homogeneizadores.

No campo da educação, a inserção do estudante com TEA desafiou diretamente a estrutura cartesiana da escola tradicional. Acostumada a trabalhar com um aluno idealizado, linear em seu desenvolvimento e previsível em suas reações emocionais e linguísticas, a instituição escolar deparou-se com sujeitos que apresentam formas radicalmente distintas de processar estímulos sensoriais, organizar o pensamento e expressar seus desejos e saberes. Essa ruptura desvelou as limitações de um sistema educacional pautado no fonocentrismo e no verbalismo, onde a fala oral e a escuta passiva constituem os eixos quase exclusivos da transmissão do conhecimento.

A superação desse modelo tradicional e a consolidação de uma verdadeira pedagogia da diferença encontram amparo nos Estudos sobre a Neurodiversidade. Esse paradigma conceitual postula que variações no funcionamento neurológico humano, incluindo o autismo, o TDAH e as dislexias, não devem ser interpretadas como patologias ou falhas da natureza a serem extirpadas, mas sim como formas legítimas de variação da diversidade humana, análogas à diversidade cultural ou de gênero. Consequentemente, a intervenção pedagógica deixa de ter

como objetivo a "normalização" do estudante autista, isto é, fazê-lo agir, falar e comportar-se exatamente como um neurotípico, e passa a centrar-se na remoção das barreiras ambientais e na oferta de suportes que potencializem suas formas singulares de ser e aprender.

2.2 LINGUAGEM, COGNIÇÃO VISUAL E COMUNICAÇÃO NO AUTISMO

Para compreender a cognição e a linguagem no Transtorno do Espectro Autista, é fundamental analisar os mecanismos neurobiológicos que regulam o processamento da informação nesse perfil de desenvolvimento. Estudos contemporâneos de neuroimagem funcional revelam que indivíduos com TEA apresentam padrões de conectividade cerebral atípicos, caracterizados frequentemente por uma hiperconectividade local (em áreas de processamento sensorial primário) e uma hipoconectividade de longo alcance (entre áreas associativas complexas, como os lobos frontal e temporal). Essa configuração neurológica resulta em uma forma de processamento cognitivo orientada para os detalhes e para a concretude das experiências, em detrimento da generalização abstrata e da integração global dos estímulos, fenômeno teorizado por Uta Frith como a Teoria da Coerência Central Fraca.

Uma das consequências pedagógicas mais diretas dessa organização cognitiva é a predominância do pensamento visual. Como celebrou a pesquisadora autista Temple Grandin em sua autobiografia e em seus escritos teóricos, muitas pessoas com TEA "pensam em imagens" (*thinking in pictures*). Palavras abstratas, instruções exclusivamente orais e conceitos desprovidos de um suporte concreto tendem a evaporar-se rapidamente da memória de trabalho do estudante autista, ao passo que informações estruturadas por meio de ícones, fotografias, esquemas visuais e objetos reais permanecem estáveis no tempo e no espaço, oferecendo a previsibilidade e a clareza necessárias para a organização interna do pensamento.

É nesse cenário que a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) e o uso de suportes visuais sistemáticos emergem não como meros recursos paliativos ou de reabilitação, mas como autênticas línguas e ferramentas de mediação cognitiva. Sistemas baseados em troca de figuras, softwares de vocalização e rotinas visuais estruturadas fornecem ao estudante não verbal ou com fala pouco funcional o canal de expressão necessário para que ele possa manifestar suas escolhas, sentimentos e conhecimentos acadêmicos. Longe de inibir o desenvolvimento da fala

oral, as evidências científicas demonstram que a introdução precoce e robusta da CAA estimula as áreas corticais da linguagem, reduz os comportamentos disruptivos decorrentes da frustração comunicativa e amplia a flexibilidade cognitiva do educando.

2.3 DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM E METODOLOGIAS INOVADORAS

O redesenho das práticas pedagógicas para o acolhimento de estudantes com TEA encontra um referencial teórico potente no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Desenvolvido pelo *Center for Applied Special Technology* (CAST), o DUA baseia-se na premissa de que os currículos escolares devem ser flexíveis e acessíveis a todos os estudantes desde a sua concepção, eliminando a necessidade de adaptações curriculares pontuais e segregadoras que empobrecem o conteúdo. O DUA organiza-se em torno de três princípios que dialogam intimamente com as especificidades cognitivas do autismo: a diversificação dos modos de apresentação da informação (representação), a flexibilização das formas de demonstração do aprendizado (ação e expressão) e a criação de múltiplas estratégias para capturar o interesse do aluno (engajamento).

No âmbito das metodologias ativas de aprendizagem, abordagens como a Sala de Aula Invertida (*Flipped Classroom*), a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) e a gamificação oferecem caminhos promissores para a inclusão do estudante com TEA. A Sala de Aula Invertida, por exemplo, permite que o aluno tenha acesso prévio aos conteúdos em sua residência, por meio de vídeos explicativos, infográficos e textos digitais. Esse tempo expandido e o ambiente controlado de casa possibilitam que o educando processe a informação no seu próprio ritmo, sem a sobrecarga sensorial e a pressão do tempo da sala de aula regular, permitindo que ele chegue ao espaço escolar mais seguro e preparado para interagir.

A Aprendizagem Baseada em Projetos e a gamificação, por sua vez, abrem espaço para a incorporação pedagógica dos chamados "hiperfocos", interesses intensos e profundos que os estudantes com TEA desenvolvem por temas específicos (como dinossauros, sistemas de transporte, astronomia ou programação). Em vez de combater o hiperfoco por considerá-lo um comportamento obsessivo ou isolador, a pedagogia inovadora utiliza-se dele como uma

poderosa mola propulsora para o engajamento. Ao desenhar um projeto de ciências ou um jogo educativo estruturado em torno do tema de interesse do aluno autista, o professor consegue mantê-lo motivado, facilitando a introdução de novos conceitos matemáticos, históricos ou linguísticos e promovendo a colaboração dele com os colegas ouvintes e neurotípicos, que passam a vê-lo como um especialista e um parceiro valioso na realização das tarefas.

2.4 DOCÊNCIA NA SOCIEDADE DA INFOCRACIA E OS DESAFIOS DA SUBJETIVIDADE

A análise das inovações pedagógicas na educação inclusiva não pode ignorar as condições objetivas e subjetivas que regulam o trabalho docente na sociedade contemporânea. A transição para uma cultura intensamente digital e mediada por telas reconfigurou o papel do professor, inserindo-o no que Byung-Chul Han denomina como o regime da "infocracia". Nessa nova ordem psicopolítica, os sujeitos são submetidos a uma torrente contínua de informações, dados e demandas de desempenho que fragmentam a atenção e aceleram o tempo existencial. A docência digital vê-se cindida entre a promessa de emancipação tecnológica e a realidade de uma sobrecarga burocrática e produtivista, mensurada por algoritmos e métricas de eficiência que desidratam o sentido profundo da relação pedagógica presencial e dialógica.

No campo da educação inclusiva e do atendimento a estudantes com TEA, essa pressão infocrática adquire contornos dramáticos. O professor é compelido a dominar uma infinidade de aplicativos de acessibilidade, produzir materiais visuais personalizados e gerir planos de desenvolvimento individualizados, frequentemente em salas de aula superlotadas e sem o suporte de equipes multiprofissionais ou assistentes de inclusão. Esse cenário de exigência permanente pela excelência técnica e pela gestão de fluxos informacionais complexos tem gerado um adoecimento em massa dos educadores, manifestado em quadros crônicos de ansiedade, depressão e na síndrome de Burnout. A identidade e a ontologia do fazer docente entram em crise quando o tempo do cuidado, da escuta atenta e do encontro humano com a alteridade radical do aluno é sufocado pelo imperativo da pressa e do preenchimento de planilhas de dados curriculares.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório-descritivo, desenvolvida por meio de um delineamento bibliográfico e documental sistemático. A abordagem qualitativa mostra-se a mais adequada para este objeto de estudo, pois permite a interpretação e a compreensão profunda de fenômenos sociais e pedagógicos complexos, tais como o processamento cognitivo da linguagem no autismo, as transformações nas subjetividades docentes e o impacto de inovações metodológicas, que não podem ser satisfatoriamente capturados ou explicados por meio de abordagens exclusivamente estatísticas ou quantitativas.

Para a constituição do corpus documental e teórico desta investigação, estabeleceu-se um protocolo rigoroso de busca e seleção de materiais publicados em um recorte temporal compreendido entre os anos de 2016 e 2026. Esse intervalo de dez anos foi adotado estrategicamente com o intuito de mapear a produção científica mais recente e de alta relevância sobre o tema, refletindo os impactos práticos de marcos legais decisivos no cenário brasileiro, como a consolidação da Lei Brasileira de Inclusão (2015) e as discussões emergentes sobre a aceleração tecnológica, as metodologias ativas e a saúde mental docente no contexto pós-pandêmico e de consolidação da cultura digital.

As buscas foram realizadas em importantes bases de dados e indexadores científicos nacionais e internacionais, incluindo o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Scientific Electronic Library Online (SciELO), o Google Acadêmico e a base Scopus. Utilizou-se uma combinação de descritores e operadores booleanos previamente selecionados com base nos objetivos da pesquisa, aplicados tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa: "Transtorno do Espectro Autista" AND "Comunicação Alternativa" ("*Autism Spectrum Disorder*" AND "*Alternative Communication*"); "Educação Inclusiva" AND "Metodologias Ativas" ("*Inclusive Education*" AND "*Active Methodologies*"); "Desenho Universal para a Aprendizagem" OR "Práticas Pedagógicas" ("*Universal Design for Learning*" OR "*Pedagogical Practices*"); e "Tecnologias Assistivas" AND "Linguagem" ("*Assistive Technologies*" AND "*Language*").

Os critérios de inclusão definidos para a seleção final das obras foram: artigos científicos publicados em periódicos revisados por pares; livros e capítulos de livros de autoria de pesquisadores de referência na área do autismo, da fonoaudiologia educacional e da educação especial; teses e dissertações acadêmicas que apresentassem propostas metodológicas inovadoras, experimentadas ou validadas em salas de aula inclusivas; e, documentos oficiais e diretrizes políticas que regulamentam o atendimento educacional especializado no cenário nacional.

Foram excluídos os textos que abordavam o autismo estritamente sob a ótica da segregação asilar, artigos duplicados, resumos em anais de eventos e publicações que não apresentavam aderência direta ao problema de pesquisa delimitado.

Após a triagem inicial e a leitura flutuante dos materiais, o corpus selecionado foi submetido a uma Análise de Conteúdo categorial, inspirada nos pressupostos teóricos de Laurence Bardin. O processo desdobrou-se em três etapas fundamentais: [Pré-análise] → [Exploração do Material e Codificação] → [Tratamento dos Resultados e Inferência].

Na pré-análise, realizou-se a organização do material e a leitura integral dos textos selecionados para capturar os núcleos de sentido e as recorrências temáticas. Na fase de exploração do material e codificação, os dados brutos foram agrupados em unidades de significado, dando origem às categorias temáticas analíticas. Por fim, na etapa de tratamento dos resultados e inferência, realizou-se a interpretação crítica dos dados, articulando as formulações conceituais dos autores contemporâneos com as demandas empíricas dos cenários escolares analisados, garantindo o rigor acadêmico e a fidedignidade na citação e paráfrase das fontes.

4 RESULTADOS

A análise sistemática da literatura científica e dos documentos pedagógicos produzidos na última década permitiu identificar e estruturar os resultados tangíveis que caracterizam a aplicação de inovações pedagógicas no desenvolvimento da linguagem e da comunicação de estudantes com TEA. Os dados evidenciam que a superação das barreiras comunicativas nessas crianças e adolescentes ocorre de forma consistente quando a escola abandona o foco na

oralização exclusiva e adota uma ecologia de suportes visuais e tecnológicos integrados ao cotidiano da sala de aula comum.

No que concerne ao uso de recursos visuais, os estudos demonstram que a estruturação ambiental por meio de rotinas visuais e quadros de antecipação reduz de maneira significativa os níveis de ansiedade e os comportamentos disruptivos dos estudantes com TEA. A previsibilidade das ações diárias oferecida por cartões de comunicação visual permite que o educando direcione sua energia cognitiva para o processamento dos conteúdos curriculares, em vez de esgotá-la na tentativa de decodificar as incertezas do ambiente escolar.

No âmbito das tecnologias assistivas, a pesquisa mapeou que a introdução de sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), implementados tanto por meio de baixa tecnologia (pastas com figuras em papel laminado) quanto de alta tecnologia (aplicativos de comunicação em tablets com síntese de voz, como o *Livox* ou o *Vox4all*), gera um aumento expressivo no número de turnos conversacionais e na iniciativa comunicativa dos alunos não verbais. Os resultados indicam que o uso dessas tecnologias amplia a participação do estudante nas discussões em classe, permitindo-lhe responder a perguntas, expressar dúvidas e interagir com os pares neurotípicos, que passam a compreender e validar suas formas não orais de comunicação.

Os resultados revelaram, adicionalmente, que o sucesso dessas inovações pedagógicas está intrinsecamente ligado à superação do isolamento do trabalho docente. Nos contextos escolares onde se identificou um impacto positivo duradouro no desenvolvimento dos estudantes com TEA, observou-se a existência de uma articulação orgânica entre o professor da sala de aula regular e o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), com momentos dedicados ao planejamento conjunto, à confecção compartilhada de materiais acessíveis e à mediação mútua dentro do espaço da sala comum, configurando práticas de coensino ou ensino colaborativo.

Por fim, os dados indicam que a introdução de metodologias baseadas na gamificação e na Aprendizagem Baseada em Projetos, quando estruturadas com suportes visuais adequados, não apenas beneficia o aluno com autismo, mas enriquece a experiência de aprendizagem de toda a turma. Ao se depararem com um ambiente que preza pela clareza visual, pela segmentação de tarefas e pela diversificação de estímulos, os alunos neurotípicos, incluindo

aqueles com outras dificuldades de aprendizagem ou transtornos de atenção, apresentam melhoras em seus desempenhos acadêmicos e organizacionais, confirmando a tese central do Desenho Universal para a Aprendizagem de que o que é necessário para alguns é benéfico para todos.

5 DISCUSSÕES

5.1 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA VERSUS BUROCRATIZAÇÃO DA INCLUSÃO NOS SISTEMAS DE ENSINO

A introdução de práticas inovadoras para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação de estudantes com TEA depara-se com barreiras estruturais que vão muito além da escolha de uma metodologia ou de um software específico. Os sistemas de ensino no Brasil, embora respaldados por uma legislação avançada que garante o direito à educação inclusiva e ao Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI), frequentemente operam sob uma lógica burocrática e gerencial que tende a reduzir a inclusão a um protocolo de preenchimento de formulários e metas quantitativas de matrículas.

Essa "burocracia da inclusão" asfixia a criatividade pedagógica e gera uma falsa sensação de adequação institucional, enquanto, na realidade da sala de aula comum, o estudante com autismo permanece muitas vezes marginalizado, privado de interações autênticas e submetido a tarefas repetitivas e infantilizadas.

A verdadeira inovação pedagógica exige a desconstrução da cultura da homogeneidade que historicamente fundou a escola moderna. É preciso compreender que a personalização curricular e o uso de sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) não constituem privilégios ou concessões benevolentes, mas sim direitos humanos fundamentais e condições de possibilidade para a emergência do sujeito. Quando as redes de ensino se limitam a disponibilizar os recursos tecnológicos sem oferecer o tempo necessário para que o professor regente, o professor do AEE e a família planejem e implementem conjuntamente esses sistemas, as tecnologias assistivas transformam-se em "objetos de prateleira", abandonados por falta de mediação adequada e de sentido prático no cotidiano escolar.

Faz-se necessário, portanto, deslocar o eixo das discussões sobre a inclusão do campo exclusivo da burocracia documental para o campo da práxis política e pedagógica. Isso implica repensar a organização dos tempos e espaços escolares, reduzindo o número de alunos por turma quando houver estudantes com demandas complexas de suporte, garantindo a presença de profissionais de apoio qualificados e instituindo horários de trabalho coletivo remunerados para os docentes. A inovação pedagógica só se materializa de forma sustentável quando encontra um terreno institucional fértil, caracterizado pela flexibilidade curricular, pela gestão democrática e pela convicção ética de que todos os seres humanos possuem a capacidade intrínseca de comunicar-se e aprender.

5.2 RIGOR METODOLÓGICO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA LINGUAGEM

O debate contemporâneo sobre as estratégias de intervenção no autismo é frequentemente atravessado por disputas acirradas entre diferentes correntes teóricas e metodológicas. De um lado, situam-se as abordagens de matriz comportamentalista estrita, que reivindicam o monopólio da evidência científica baseada em métricas quantitativas e na modificação de condutas observáveis; de outro, situam-se as abordagens de cunho histórico-cultural e sociointeracionista, que priorizam a análise das dinâmicas discursivas, a produção de sentido e a constituição da subjetividade do sujeito na linguagem. No cenário das Ciências da Educação e da Linguagem, a construção do objeto epistemológico do autismo exige um rigor metodológico que saiba dialogar com essa complexidade, recusando dogmatismos reducionistas que empobrecem a compreensão do fenômeno humano.

Para que as práticas pedagógicas inovadoras voltadas à comunicação no TEA conquistem legitimidade e eficácia duradoura, as pesquisas na área precisam superar o empirismo ingênuo e os relatos puramente voluntaristas de sala de aula. É imperioso desenvolver investigações rigorosas de natureza qualitativa e mista, tais como pesquisas-ação, estudos de caso longitudinais e análises microgenéticas das interações escolares, que documentem de forma sistemática as transformações nos processos de atenção compartilhada, a apropriação de conceitos científicos através da CAA e a evolução das trocas conversacionais

entre alunos autistas e neurotípicos. Essas pesquisas devem fornecer um corpo de evidências robusto e contextualizado, capaz de orientar a formulação de políticas curriculares nacionais e a produção de materiais didáticos genuinamente inclusivos.

O rigor metodológico nas Ciências da Educação exige, ademais, o reconhecimento e a incorporação do protagonismo das próprias pessoas autistas na produção do conhecimento. A emergência dos Estudos Críticos do Autismo, impulsionada por intelectuais e pesquisadores autistas em nível internacional, trouxe uma contribuição inestimável ao questionar os vieses neurotípicos que historicamente balizaram as pesquisas na área, as quais frequentemente investigavam o autismo a partir de uma perspectiva de privação e tragédia pessoal. Ao inserirem a vivência ontológica da neurodivergência no desenho metodológico das investigações, esses pesquisadores oferecem novas categorias analíticas e horizontes interpretativos que humanizam a ciência e qualificam as intervenções pedagógicas, garantindo que a escola se funde em um respeito autêntico à diversidade cognitiva.

5.3 MEDIAÇÃO DOCENTE, TECNOLOGIA E SUBJETIVIDADE NO TEMPO DA INFOCRACIA

A imersão da escola na cultura digital e o imperativo do uso de tecnologias assistivas e metodologias ativas inserem o trabalho docente em uma delicada teia de tensões subjetivas, éticas e políticas. Como discutido na revisão de literatura, o regime da infocracia transforma a sala de aula em um espaço saturado de estímulos virtuais e demandas de performance computacional que fragmentam a atenção e esvaziam a densidade da relação humana. O professor contemporâneo vê-se premido entre a exigência técnica de converter-se em um "designer instrucional" hiperconectado e a necessidade premente de oferecer um porto seguro de acolhimento e escuta atenta a estudantes que apresentam formas de sofrimento psíquico e desorganização sensorial complexas, como ocorre frequentemente no espectro do autismo.

No contexto específico da mediação pedagógica com alunos com TEA, os perigos de uma "tecnologização fetichista" da inclusão são iminentes. Quando a introdução de tablets, softwares e telas interativas passa a substituir o olhar direto, a expressão corporal, o toque sutil e a copresença física no espaço da sala de aula, a tecnologia deixa de operar como um recurso

de acessibilidade e converte-se em uma barreira de isolamento eletrônico requintado. O estudante autista, que já apresenta desafios intrínsecos no estabelecimento da reciprocidade socioemocional, pode ser empurrado para um isolamento ainda mais profundo se sua comunicação for reduzida a interações mecânicas com dispositivos algorítmicos desprovidos de calor humano e intencionalidade ética.

O verdadeiro desafio da docência inclusiva na sociedade da infocracia consiste, portanto, em humanizar a tecnologia, submetendo-a à primazia do encontro pedagógico. Os recursos visuais e as tecnologias assistivas digitais devem ser compreendidos como próteses culturais que amplificam a voz e o pensamento do aluno, e não como anteparos que desidratam a relação intersubjetiva. O professor precisa reconquistar a soberania sobre o seu tempo pedagógico, resistindo à aceleração alienante dos fluxos de informação e garantindo espaços de silêncio, de desaceleração reflexiva e de contemplação estética dentro da escola. É na densidade desse olhar compartilhado, na paciência da espera pelo tempo de resposta do outro e na hospitalidade incondicional à diferença que o ato educativo se despolariza da técnica e se consagra como um gesto de profunda emancipação humana e política.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação em torno das práticas pedagógicas inovadoras voltadas ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação inclusiva desvela um horizonte de profundas transformações éticas, conceituais e metodológicas nos sistemas de ensino contemporâneos. A superação definitiva do modelo puramente clínico-médico e deficitário, que historicamente interpretou as especificidades neurodesenvolvimentais do autismo sob a ótica exclusiva da patologia e da inaptidão, abriu espaço para a consolidação do paradigma da neurodiversidade. Sob essa nova égide epistemológica, o estudante com TEA passa a ser reconhecido como um sujeito de direitos pleno, cuja singularidade cognitiva e cujo pensamento eminentemente visual exigem da instituição escolar a superação do verbalismo e a reinvenção de suas arquiteturas curriculares e didáticas.

Os resultados sistematizados nesta pesquisa demonstraram com clareza que a flexibilização ambiental e a introdução intencional de recursos visuais e sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) não representam meros apêndices adaptativos para o cumprimento de protocolos de acessibilidade, mas constituem as próprias condições de possibilidade para a emergência do sujeito na linguagem e para a construção de aprendizagens significativas. Ao oferecer a previsibilidade necessária por meio de rotinas visuais e ao viabilizar canais de expressão não orais por meio de tecnologias assistivas de alta e baixa complexidade, a escola remove barreiras históricas de isolamento e permite que o estudante com TEA demonstre seus saberes e exerça sua autonomia socioemocional e cognitiva.

Verificou-se, outrossim, que os referenciais do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e a incorporação pedagógica das metodologias ativas, como a Sala de Aula Invertida e a integração dos hiperfocos nos projetos escolares, oferecem caminhos robustos para a construção de salas de aula verdadeiramente democráticas. Ao diversificar as formas de representação do conteúdo e as modalidades de ação e expressão, essas inovações pedagógicas transformam a sala comum em um espaço onde a diferença é o padrão, beneficiando não apenas o aluno neurodivergente, mas elevando a qualidade do desempenho escolar e organizacional da totalidade dos estudantes neurotípicos.

No entanto, para que essas inovações não sejam neutralizadas pela lógica instrumental, produtivista e fragmentadora que caracteriza a sociedade da infocracia e da docência digital acelerada, a mediação pedagógica deve preservar inflexivelmente sua dimensão intersubjetiva e ética. A técnica e as telas digitais devem manter-se rigorosamente subordinadas à pedagogia da presença, do olhar atento e do acolhimento à alteridade radical do outro. A inovação educacional autêntica não reside no acúmulo fetichista de softwares modernos, mas na capacidade da escola de humanizar os processos tecnológicos e restaurar o tempo do encontro, da escuta afetiva e da justiça social.

Diante da complexidade dos desafios mapeados, delinea-se a urgência de uma agenda de ações estruturadas e integradas por parte dos sistemas de ensino e das instâncias governamentais.

Dessa forma, somente por meio de um compromisso ético, político e financeiro sistêmico será possível edificar uma escola que transcenda a retórica da tolerância e se converta

em um verdadeiro espaço de hospitalidade poética e emancipação intelectual, onde a pluralidade das mentes humanas seja reconhecida como a maior riqueza da nossa herança cultural comum.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 2012.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

CAST. **Universal Design for Learning Guidelines version 2.2**. Wakefield, MA: CAST, 2018.

FRITH, Uta. **Autismo: explicando o enigma**. 2. ed. Lisboa: Portugal: Climepsi Editores, 2014.

GRANDIN, Temple. **Uma menina estranha**: autobiografia de uma autista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia da diferença e os tempos da técnica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2018.